

ANTONIN ARTAUD

© Moinhos, 2020.

Edição:

Camila Araujo & Nathan Matos

Coordenação Editorial — Coleção Artaud:

Alex Galeno

Fagner Torres

Gustavo Castro

Nathan Matos

Tradução:

Olivier Dravet Xavier

Revisão:

LiteraturaBr Editorial

Diagramação e Projeto Gráfico:

LiteraturaBr Editorial

Capa:

Luís Otávio

Conversão para ePub:

Cumbuca Studio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior — CRB-8/9949

A785t

Artaud, Antonin

Os Tarahumaras / Antonin Artaud ; traduzido por Olivier Dravet Xavier.

Belo Horizonte, MG : Moinhos, 2020.

140 p. ;

Tradução de: D'un voyage au pays des Tarahumaras

E-ISBN: 978-65-5026-003-3

1. Literatura francesa. I. Dravet Xavier, Olivier. II. Título.

2019-757

CDD 840

CDU 821.133.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa 840

2. Literatura francesa 821.133.1

Os textos desta edição foram traduzidos a partir dos textos publicados em:

Œuvres complètes, t. IX,

“Les Tarahumaras”, Paris: Gallimard, 1971

(edição revisada e aumentada: 1979).

Œuvres complètes, t. VIII,

“De quelques problèmes d’actualité aux messages révolutionnaires”, Paris: Gallimard, 1971

(edição revisada e aumentada: 1980).

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Moinhos

www.editoramoinhos.com.br

contato@editoramoinhos.com.br

[Facebook.com/EditoraMoinhos](https://www.facebook.com/EditoraMoinhos)

[Instagram.com/EditoraMoinhos](https://www.instagram.com/EditoraMoinhos)

[Twitter.com/EditoraMoinhos](https://www.twitter.com/EditoraMoinhos)

SUMÁRIO

O RITO DO PEYOTL ENTRE OS TARAUMARAS

DE UMA VIAGEM AO PAÍS DOS TARAUMARAS

A MONTANHA DOS SIGNOS

A DANÇA DO PEYOTL

CARTA A HENRI PARISOT

TUTUGURI7

O PAÍS DOS REIS-MAGOS

UMA RAÇA-PRINCÍPIO

O RITO DOS REIS DE ATLÂNTIDA

A RAÇA DOS HOMENS PERDIDOS

SUPLEMENTO À VIAGEM AO PAÍS DOS TARAUMARAS

APÊNDICE

NOTA SOBRE O PEYOTL

O MÉXICO E A CIVILIZAÇÃO

TRÊS CONFERÊNCIAS PROFERIDAS NA UNIVERSIDADE DA CIDADE DO MÉXICO

SURREALISMO E REVOLUÇÃO

O HOMEM CONTRA O DESTINO

O TEATRO E OS DEUSES

ARTAUDICEIAS, POR ALEX GALENO

O RITO DO PEYOTL ENTRE OS TARAHUMARAS

Como eu já disse, foram os sacerdotes do Tutuguri que me abriram o caminho do Ciguri, assim como alguns dias antes o *Mestre de todas as coisas* me havia aberto o caminho do Tutuguri. – O *Mestre de todas as coisas* é aquele que comanda as relações externas entre os homens: a amizade, a piedade, a esmola, a fidelidade, a devoção, a generosidade, o trabalho. Seu poder acaba no limiar do que compreendemos aqui na Europa como metafísica ou teologia, mas ele vai muito além no domínio da consciência interna do que aquele de qualquer líder político europeu. Ninguém no México pode ser iniciado, ou seja, receber a unção dos sacerdotes do Sol e o golpe imersivo e reagregador daqueles do Ciguri, que é um rito de aniquilamento, se não for anteriormente tocado pela espada do velho chefe indígena que comanda a paz e a guerra, a Justiça, o Casamento e o Amor. Ao que parece, ele tem em mãos as forças que fazem com que os homens se amem e que os enlouquecem, enquanto os sacerdotes do Tutuguri erguem com suas bocas o Espírito que os produz e que os dispõe no Infinito onde a Alma deve colhê-los e reordená-los em seu eu. A ação dos sacerdotes do Sol envolve toda a alma e para nos limites do eu pessoal no qual o *Mestre de todas as coisas* vem colher sua repercussão. E foi aí que o velho chefe mexicano me golpeou a fim de abrir-me novamente a consciência, porque para compreender o Sol eu era malnascido; e é a ordem hierárquica das coisas que quer que após ter passado pelo TODO, ou seja o múltiplo, que é as coisas, nós voltemos à simplicidade do Um, que é o Tutuguri ou o Sol, para em seguida nos dissolver e ressuscitar por meio dessa operação de

reassimilação misteriosa. Digo de reassimilação tenebrosa compreendida no Ciguri, como um Mito de recuperação, em seguida de extermínio, e enfim de resolução na peneira da expropriação suprema, assim como não param de gritar e de afirmar seus sacerdotes em sua Dança da Noite toda. Pois ela ocupa a noite inteira, do poente à aurora, mas ela toma a noite toda e a colhe como colhemos o suco todo de uma fruta até a fonte da vida. E a extirpação de propriedades vai até deus e o ultrapassa; porque deus, e sobretudo deus, não pode tomar o que no eu é autenticamente si mesmo tão forte que este tenha a imbecilidade de abandonar-se.

Foi num domingo de manhã que o velho chefe indígena abriu-me a consciência com um golpe de espada entre o baço e o coração: “Tenha confiança, me disse, não tenha medo, eu não te farei mal algum”, e recuou rapidamente três ou quatro passos, e após descrever atrás de si, com o punho de sua espada, um círculo no ar, ele se precipitou em minha direção, para frente e com toda sua força, como se quisesse me exterminar. Mas a ponta da espada só me tocou a pele de raspão, fazendo escorrer uma pequena gota de sangue. – Eu não senti dor alguma, mas tive de fato a impressão de acordar para algo ao qual eu estava até ali malnascido e mal orientado, e me senti pleno de uma luz que eu nunca havia possuído. – Foi alguns dias mais tarde numa madrugada que eu encontrei com os sacerdotes do Tutuguri e dois dias depois finalmente pude chegar ao Ciguri.

“Te recoser na entidade sem Deus que te assimila e te produz como se te produzisses a ti mesmo, e como a ti mesmo no Vazio e contra ele, a cada instante, te produzes.”

São essas as palavras exatas do chefe indígena e eu me contento em reproduzi-las, não tais como ele as pronunciou, mas tais como eu as *reconstruí* sob o efeito das iluminações fantásticas de Ciguri.

Ora, se os Sacerdotes do Sol se comportam como manifestações da

Palavra de Deus, ou de seu Verbo, ou seja de Jesus-cristo, os Sacerdotes do Peyotl me fizeram assistir ao próprio Mito do Mistério, mergulhar nos arcanos míticos originais, penetrar por meio destes no Mistério dos Mistérios, ver a figura das operações extremas pelas quais O HOMEM PAI, NEM HOMEM NEM MULHER criou todas as coisas. Decerto eu não aderi a tudo isso de uma só vez e precisei de algum tempo para entendê-lo, e vários gestos de dança, atitudes ou figuras, que os sacerdotes do Ciguri traçam no ar como se os impusessem às sombras ou tirassem-nos dos antros da noite, eles mesmos já não os compreendem, e se contentam em obedecer, através deles, a uma espécie de tradição física por um lado, e por outro aos mandamentos secretos que lhes dita o Peyotl do qual absorvem um extrato antes de começar a dançar a fim de entrar em transe por meio de métodos calculados. – Quero dizer que eles fazem o que a planta lhes manda fazer, mas que eles o repetem como uma espécie de lição à qual seus músculos obedecem, mas que eles não compreendem mais no descontrair de seus nervos, não mais do que seus pais ou do que os pais de seus pais. Porque também o papel de todo nervo é superestimado. Isso não me satisfez e quando a Dança terminou eu quis saber mais. – Porque antes de assistir ao Rito do Ciguri, tal como os sacerdotes indígenas atuais o executam, eu havia interrogado vários tarahumaras da montanha e passado uma noite inteira com um jovem casal cujo marido era um adepto deste rito e conhecia, ao que parece, vários de seus segredos. – E dele eu recebi explicações maravilhosas e esclarecimentos extremamente precisos sobre a forma como o Peyotl ressuscita no trajeto inteiro do eu nervoso, a memória de tais verdades soberanas, através das quais a consciência humana, me foi dito, não mais perde, mas pelo contrário recupera a percepção do Infinito. “Em que consistem essas verdades, me disse o homem, não é meu papel te mostrar. Mas sou eu que devo fazê-las renascer no espírito de teu ser

humano. – O espírito do homem está farto de Deus, porque ele está mau e doente, e é nosso papel devolver-lhe a fome dele. Mas eis que agora o próprio Tempo nos nega essa possibilidade. – Nós te mostraremos amanhã o que ainda podemos fazer. E se você quiser trabalhar conosco, com a ajuda da Boa Vontade de um homem vindo do outro lado do mar e que não é da nossa Raça, talvez possamos quebrar mais uma Resistência.” – CIGURI é um nome que os ouvidos indígenas não gostam nem um pouco de ouvir. Eu tinha comigo um guia mestiço que também me servia de intérprete dos tarahumaras e que me avisara para só falar-lhes dele com respeito e precaução, porque, me disse, *eles o temem*. – Ora, eu percebi que, se há um sentimento que possa lhes ser estrangeiro a respeito de Ciguri, é o medo, mas que, no entanto, a palavra desperta neles o sentimento do sagrado de uma forma que a consciência europeia já não conhece, e é este todo o seu infortúnio porque aqui o homem não respeita mais nada. E a série de atitudes que o jovem índio tomou diante de mim enquanto eu pronunciava a palavra CIGURI me ensinou muitas coisas sobre as possibilidades da consciência humana quando conserva o sentimento de Deus. Um terror, devo dizer, emanava de sua atitude, mas não era o seu porque ele o revestia como um escudo ou um casaco. Para si mesmo, ele parecia feliz como só somos durante os minutos supremos da existência, seu rosto transbordando de alegria e adorando. É assim que os Primogênitos de uma humanidade em gestação deviam se comportar quando o espírito do HOMEM INCRIADO se erguia em trovões e em chamas sobre o mundo eviscerado, é assim que deviam orar os esqueletos das catacumbas aos quais, é dito nos livros, o próprio HOMEM aparecia.

Ele juntou as mãos e seus olhos se iluminaram. Seu rosto se petrificou e se fechou. Mas quanto mais ele entrava em si mesmo mais eu tive a impressão de que uma emoção insólita e que se podia ler

irradiava objetivamente dele. – Ele se deslocou duas ou três vezes. E a cada vez seus olhos que tinham se tornado mais ou menos fixos se viraram isolando um ponto ao seu lado como se ele quisesse tomar consciência de uma coisa que se devesse temer. Mas eu percebi que o que ele temia dessa forma era de faltar por negligência com o respeito que devia a Deus. E constatei acima de tudo duas coisas: a primeira é que o índio tarahumara não dá ao seu corpo o valor que nós europeus lhe damos e que sua noção deste é inteiramente outra. – “Não sou eu de forma alguma, parece dizer, que sou este corpo”, – e quando ele se virava para olhar fixamente algo ao seu lado era seu próprio corpo que ele parecia perscrutar e vigiar. – “Onde eu sou eu e aquilo que sou, quem me diz e me dita é Ciguri, e tu mentes e tu desobedeces. O que eu sinto de verdade tu nunca queres sentir e tu me dás sensações contrárias. Tu não queres nada do que eu quero. E o que me propões na maior parte do tempo é o Mal. – Tu só foste para mim uma prova transitória e um fardo. Um dia eu te mandarei embora quando o próprio *Ciguri* será livre, mas, disse ele de repente, chorando, não haverás de ir embora por inteiro. – Foi *Ciguri* que te fez e várias vezes tu me serviste de abrigo contra a tempestade *porque Ciguri morreria se não tivesse a mim.*”

A segunda coisa que constatei em meio a essa prece – porque aquela série de deslocamentos perante a si próprio e como que ao seu lado, aos quais eu acabava de assistir e que aconteceram em muito menos tempo do que o tempo que eu tomei para relatá-los, eram a prece improvisada do índio diante da simples evocação da palavra *Ciguri*, – a segunda coisa que percebi foi que se o índio é um inimigo de seu próprio corpo ele parece além disso ter feito a Deus o sacrifício de sua consciência e que é o hábito do Peyotl que o orienta neste trabalho. Os sentimentos que irradiavam dele, que atravessavam seu rosto um após o outro, e que líamos, *claramente não eram seus*; deles ele não se

apropriava, não se identificava mais com o que para nós é uma emoção pessoal, ou melhor, não o fazia como nós, em função de uma escolha e de uma incubação fulgurante imediata como nós mesmos fazemos. – Em meio a todas as ideias que passam pelas nossas cabeças há aquelas que aceitamos e aquelas que não aceitamos. – No dia em que nosso eu e nossa consciência foram formados, estabeleceu-se nesse movimento de incubação incessante um ritmo distintivo e uma escolha natural, que fazem com que só nossas ideias próprias sobrenadam no campo da consciência, enquanto o resto se esvanece automaticamente. Talvez precisemos de tempo para talhar nossos sentimentos e deles isolar nossa própria figura, mas aquilo que pensamos das coisas em seus pontos principais é como o *totem* de uma gramática indiscutível que entoia seus termos palavra por palavra. E nosso eu quando interrogado reage sempre da mesma forma: como alguém que sabe que é ele que está respondendo e não um outro. Para o índio não é assim.

Nunca um europeu aceitaria pensar que aquilo que ele sentiu e percebeu em seu corpo, que a emoção que o afetou, que a ideia estranha que ele acabou de ter e que o entusiasmou por sua beleza não são seus, e que um outro sentiu e viveu tudo aquilo em seu próprio corpo, ou então ele se acharia louco e dele pensaríamos que se tornara um alienado. – O tarahumara pelo contrário distingue sistematicamente entre o que é dele e o que é do Outro em tudo aquilo que ele pensa, sente e produz. Mas a diferença entre um alienado e ele é que sua consciência pessoal foi aumentada nesse trabalho de separação e de distribuição interna, ao qual o Peyotl o levou, e que reforça sua força de vontade. – Se ele parece saber muito melhor o que ele não é do que o que ele é, no entanto ele sabe o que ele é e quem ele é muito melhor do que nós mesmos sabemos o que somos e o que queremos. – “Há, diz ele, em todo homem um velho reflexo de Deus

dentro do qual nós ainda podemos contemplar a imagem dessa força de infinito que um dia nos lançou em uma alma e esta alma em um corpo, e o Peyotl nos conduziu à imagem dessa Força porque Ciguri nos chama de volta para si.”

O que eu observava desse índio que não havia tomado Peyotl há tempos, mas que era um dos adeptos de seus Ritos, porque o Rito do Ciguri é o ápice da religião dos tarahumaras, me inspirou a maior vontade de ver de perto todos esses Ritos *e de conseguir participar deles*. – Aí se encontrava a dificuldade.

A amizade que esse jovem tarahumara, que não teve medo de se pôr a rezar a alguns passos de mim, me havia mostrado já era para mim uma garantia de que certas portas se abririam. E o que ele me havia dito sobre a ajuda que era esperada da minha parte me fez pensar que minha admissão nos Ritos do *Ciguri* dependia em parte das iniciativas que eu tomaria diante das resistências que os tarahumaras encontram atualmente perante o exercício de seus Ritos da parte do governo mestiço da Cidade do México. Mestiço, esse governo é pró-índio porque os que o detém são muito mais vermelhos do que brancos. Mas eles o são de forma desigual e seus mandatários nas montanhas¹ são quase completamente misturados. – E eles consideram como perigosas as crenças dos Velhos Mexicanos. – O governo atual do México fundou na montanha escolas indígenas nas quais é dada às crianças dos índios uma educação baseada na das escolas comunais francesas e o ministro do Ensino público do México, com quem o ministro da França me havia obtido um livre-trânsito, me acolheu num dos prédios da escola indígena dos tarahumaras. – Eu entrei então em relação com o diretor dessa escola, que tinha além disso o cargo de manter a ordem em toda a extensão do território tarahumara, e de quem dependia um pelotão de cavalaria. – Sem que medida alguma tivesse sido tomada a respeito, eu sabia que se falava

em proibir a próxima festa do Peyotl que devia acontecer dali a algum tempo. Salvo a grande Festa Racial da qual participa todo o povo tarahumara e que acontece em data fixa como aqui nós temos o Natal, os tarahumaras têm ainda em torno do Peyotl um certo número de Ritos particulares. E eles haviam consentido em me mostrar um deles. Há ainda na religião dos tarahumaras outras festas, como aqui temos a Páscoa, a Ascensão, a Assunção e a Imaculada-Conceição, mas nem todas envolvem o Peyotl, e a Grande Festa do *Ciguri* só acontece, creio eu, uma vez ao ano. – É nela que ele é tomado de acordo com todos os ritos milenares tradicionais. Também se toma o Peyotl em outras festas, mas somente como um aditivo ocasional cuja força ou efeitos já não são mais nivelados. – Quando eu digo que se toma eu deveria dizer que se tomava, porque o governo do México faz o impossível para arrancar o Peyotl dos tarahumaras, e para impedi-los de se entregar à sua ação, e os soldados enviados à montanha receberam a missão de impedir seu cultivo. E eu encontrei os tarahumaras desesperados, quando cheguei à montanha, por conta da destruição recente de um campo de Peyotl pelos soldados da Cidade do México.

Tive a esse respeito uma longa conversa com o diretor da escola indígena na qual eu vivia. – A conversa foi animada, incômoda, em certos momentos repugnante. O diretor mestiço da escola indígena dos tarahumaras estava muito mais preocupado com seu sexo, do qual se servia todas as noites para possuir a professora da escola, mestiça como ele, seja de cultura ou de religião. Mas o governo da Cidade do México tinha como base de seu programa o retorno à cultura indígena e o diretor mestiço da escola indígena dos tarahumaras tinha apesar de tudo aversão a derramar o sangue indígena. “CIGURI, eu lhe disse, não é uma planta, é um homem do qual subtraíste um membro ao destruir o campo de Peyotl. E sobre esse membro mutilado vermelho, e que canta: verde, branco, lilás, todos querem que prestes contas. E

eles o veem.” Eu percebi ao passar por vários vilarejos tarahumaras que um vento de revolta soprava sobre a tribo diante da aparição do membro vermelho. O diretor da escola indígena estava ciente disso, mas hesitava quanto aos meios a empregar para acalmar os índios. – “A única forma, eu lhe disse, é conseguir ganhar seu coração. – Eles nunca te perdoarão por essa destruição, mas mostre-lhes por meio de um ato inverso que não és um inimigo de Deus. Vocês não passam de um punhado aqui e se eles se revoltassem vocês teriam que guerrear, e mesmo com suas armas não poderiam contê-los. – E os Sacerdotes do Ciguri têm esconderijos que vocês nunca poderão penetrar.

“E o que viria a ser do retorno do México à cultura indígena diante de uma guerra civil da qual vocês seriam os responsáveis? – Tens desde já que autorizar essa Festa se quiseres que os tarahumaras fiquem e além disso tens que facilitar a reunião das tribos para que sintam que lhes és favorável.

– É que, quando tomaram Peyotl, eles não nos obedecem mais.

– O Peyotl é como tudo o que é humano. É um princípio magnético e alquímico maravilhoso com a condição de que saibamos tomá-lo, ou seja, nas doses certas e de acordo com uma gradação controlada. E sobretudo com a condição de que não o tomemos fora de época ou sem motivo. – Se após ter tomado Peyotl os índios se tornam loucos é porque abusam dele até atingir o ponto de embriaguez desordenada no qual a alma já não se submete a nada. Desta forma, não é a ti que desobedecem, mas ao próprio *Ciguri*, porque *Ciguri* é o Deus da Presciência do Justo, do equilíbrio e do controle de si. – Aquele que bebeu *verdadeiramente* *Ciguri*, o metro e a medida verdadeira de *Ciguri*, *HOMEM* e não *FANTASMA* indeterminado, sabe como as coisas são feitas e já não pode perder a Razão porque é Deus que está em seus nervos, e é a partir destes que Ele as conduz.

“Mas beber *Ciguri* é justamente não ultrapassar a dose, porque

Ciguri é o Infinito, e o mistério da ação terapêutica dos remédios está ligado à proporção na qual nosso organismo os toma. Ultrapassar o necessário é SAQUEAR a ação.

“Deus, segundo as tradições sacerdotais tarahumaras, desaparece rapidamente quando tomamos demais e é o Espírito Maligno que aparece em seu lugar.

– Amanhã à noite encontrarás com uma família de Sacerdotes do Ciguri, me disse o diretor da escola indígena. – Diga-lhes o que acabas de me dizer e eu tenho a certeza de que conseguiremos mais uma vez e talvez mais do que das últimas vezes fazer com que a absorção do Peyotl seja regulamentada e diga-lhes ainda que essa Festa será autorizada e que vamos fazer todo o nosso possível para lhes dar todos os meios de se reunir e que fornecermos neste intuito os cavalos e os víveres dos quais possam vir a precisar.”

Assim, no dia seguinte à noite, eu fui ao vilarejo indígena onde me haviam dito que o Rito do Peyotl me seria mostrado. – Ele se deu no meio da noite. O Sacerdote chegou com dois servos, um homem e uma mulher, e duas crianças. Ele traçou no chão uma espécie de grande semicírculo dentro do qual aconteceriam as brincadeiras de seus servos e fechou o semicírculo com uma grande viga na qual eu fui autorizado a ficar. À direita, o arco de círculo era delimitado por uma espécie de retiro em forma de 8 que, eu entendi, representava para o Sacerdote o Santo dos Santos. À esquerda, encontrava-se o Vazio: e era lá que estavam as duas crianças. No Santo dos Santos foi colocado um velho pote de madeira que continha raízes de Peyotl porque os Sacerdotes não dispõem da planta inteira para seus Ritos particulares, ou pelo menos não mais.

O Sacerdote tinha em mãos um cajado e as crianças tinham pequenos bastões. – O Peyotl é tomado após um certo número de movimentos de dança e quando seus adeptos conseguem graças ao

exercício religioso do Rito fazer com que Ciguri queira entrar neles.

Eu constatei que os servos estavam com dificuldades para entrar em ação e tive a impressão de que eles não dançariam ou dançariam mal se não soubessem que Ciguri baixaria neles no momento certo. – Porque o Rito de Ciguri é um Rito de criação e que explica como as coisas *são* no vazio, e como o vazio *é* no infinito e como elas saíram dele para a Realidade, e foram feitas. E ele termina no momento em que sob a ordem de Deus elas vieram a Ser em um corpo. – Foi isso que os dois servos dançaram, mas isso só aconteceu depois de uma longa discussão.

– Nós não podemos mais entender Deus sem que antes ele nos tenha tocado a alma e nossa dança não passará de uma careta e o FANTASMA, gritaram, o FANTASMA que persegue CIGURI renascerá novamente aqui.

O Sacerdote demorou a tomar uma decisão, mas no fim ele tirou de seu seio um saquinho e derramou nas mãos dos índios uma espécie de pó branco que eles absorveram imediatamente.

Depois disso eles começaram a dançar. – Ao ver seus rostos após tomarem esse pó de Peyotl eu entendi que eles iam me mostrar algo ao qual eu nunca havia assistido antes. E fiquei atento a fim de não perder nada do que viria a ver.

Os dois servos se curvaram sobre a terra e ficaram um de frente para o outro como duas bolas inanimadas. – Mas o velho Sacerdote também devia ter tomado o pó porque uma expressão desumana se havia apossado dele. – Eu o vi se contrair e se erguer. Seus olhos se iluminaram e uma expressão de autoridade insólita começou a emanar dele. – Ele bateu com seu bastão, dando dois ou três golpes surdos no chão, em seguida entrou no 8 que havia traçado à direita do Campo Ritual. Então seus servos pareceram emergir de sua bola inanimada. O homem primeiro balançou a cabeça e bateu no chão

com a palma das mãos. A mulher mexeu as costas. – O Sacerdote então cuspiu: não saliva, mas seu sopro. Ele expulsou ruidosamente seu sopro por entre seus dentes. E sob a ação desse abalo pulmonar o homem e a mulher no mesmo instante se animaram e se ergueram completamente. Ora, pela maneira como estavam um de frente para o outro, pela maneira sobretudo como estavam cada um no espaço como se estivessem nos bolsos do vazio e nos cortes do infinito compreendíamos que já não havia mais ali um homem e uma mulher, mas dois princípios: o macho, de boca aberta, suas gengivas estalando, vermelhas, em brasas, sangrentas, e como que rasgadas pelas raízes dos dentes, translúcidas naquele momento, como línguas de mandamentos; a fêmea, larva desdentada, com os molares perfurados pela lima, como uma rata na ratoeira, comprimida em seu próprio cio, fugindo, girando perante o macho hirsuto; e que eles iam se entrechocar, penetrar freneticamente um no outro assim como as coisas, depois de se olharem um tempo e de guerrearem, misturam-se finalmente diante do olho *indiscreto e culpado* de Deus, que sua ação vai pouco a pouco substituir. “Porque *Ciguri*, dizem, era *o homem*, O HOMEM tal como por SI MESMO, ELE MESMO no espaço SE *construía*, quando Deus o assassinou.”

Foi exatamente isso que aconteceu.

Mas uma coisa acima de tudo me marcou na forma que eles tinham de se ameaçar, de fugir um do outro, de se entrechocar, para finalmente consentir em se unir. É que esses princípios não estavam no corpo, não conseguiam tocar o corpo, mas ficavam obstinadamente como duas ideias imateriais suspensas fora do Ser, opostas desde sempre a ELE, e que construía por outro lado *seu próprio corpo*, um corpo no qual a ideia de matéria é volatilizada por CIGURI. Ao vê-los me lembrei de tudo o que os poetas, os professores, os artistas de todos os tipos que conheci na Cidade do México haviam

me dito sobre a religião e a cultura indígenas e do que eu havia lido em todos os livros que lá me emprestaram sobre as tradições metafísicas dos mexicanos.

– O Espírito Maligno, dizem os Sacerdotes Iniciados do Ciguri, nunca pôde e nunca quis acreditar que Deus não fosse acessivelmente e exclusivamente um Ser, e que houvesse algo mais do que o ser, na essência inescrutável de Deus.

Era, no entanto, isso que essa Dança do Peyotl estava me mostrando.

Porque eu pensei ter visto nessa Dança o ponto onde o inconsciente universal está doente. E que ele está fora de Deus. – O Sacerdote tocava ora seu baço ora seu fígado com a mão direita enquanto com a mão esquerda ele batia no chão com seu cajado. – A cada golpe respondia uma atitude longínqua do homem e da mulher, ora afirmação desesperada e altiva, ora denegação raivosa. Mas após alguns golpes precipitados do Sacerdote, que agora segurava seu cajado com as duas mãos, eles avançaram de maneira rítmica um na direção do outro, de cotovelos afastados e mãos juntas desenhando dois triângulos que se animariam. E ao mesmo tempo os seus pés desenhavam círculos na terra, e algo como os membros de uma letra, um S, um U, um J, um V. Números dentre os quais principalmente a forma do 8. – Uma vez, duas vezes eles não se uniram, mas se cruzaram com uma espécie de saudação. Na terceira vez sua saudação se tornou mais certa. Na quarta eles pegaram as mãos um do outro, giraram um em volta do outro e os pés do homem pareceram procurar na terra os pontos em que os da mulher haviam batido.

Eles fizeram isso oito vezes. Mas a partir da quarta seus rostos, que haviam adquirido uma expressão viva, não pararam de se irradiar. Na oitava vez eles olharam para o lado do Sacerdote, que assumira posição com um ar de dominação e de ameaça na extremidade do

Santo dos Santos, onde as coisas entram em contato com o Norte. E com seu cajado ele desenhou no ar um grande 8. Mas o grito que dele irrompeu na mesma hora possuía o necessário para revolucionar *a gestação de tormentos fúnebres do morto negro pelo seu velho pecado*, como diz o velho poema enterrado dos maias do Iucatã; e eu não me lembro de ter ouvido algo na minha vida que indicasse de maneira mais ressoante e manifesta a que profundezas desce a Vontade humana a fim de erguer sua presciência da noite. – E me pareceu rever no Infinito e como em sonho a maneira com a qual Deus suscitou a Vida. – Esse grito do Sacerdote tinha sido entoado como que para sustentar o traço do cajado no ar. Ao gritar de tal forma o Sacerdote se deslocou e desenhou com todo o seu corpo no ar e com os pés sobre a terra a forma de um mesmo oito, até que, esse oito, ele o completou do lado do Sul.

A dança estava para terminar. As duas crianças, que durante todo esse tempo tinham ficado à esquerda do círculo, perguntaram se podiam ir, e o Sacerdote fez com seu cajado um sinal para que se disseminassem ou desaparecessem. Mas nenhuma das duas havia tomado Peyotl. Elas esboçaram algo que parecia com um gesto de dança depois desistiram e desapareceram como quando voltamos para a casa.

*

Eu já disse no começo deste relato: tudo isso não era suficiente. E eu quis saber mais sobre o Peyotl. Me aproximei do Sacerdote para interrogá-lo.

– Nossa última Festa, ele me disse, não pôde acontecer. Nós estamos desencorajados. Nós agora não tomamos Ciguri nos Ritos, mas como um vício. Logo toda a nossa Raça estará doente. O tempo se tornou velho demais para o Ser. Ele já não pode nos sustentar. O que fazer, o

que vamos nos tornar? Os nossos já não amam a Deus. Eu que sou sacerdote, não pude deixar de senti-lo. Me vês agora todo desesperado.

Eu lhe disse o que havíamos acertado com o diretor da escola indígena e que sua próxima grande festa poderia ocorrer.

Eu lhe disse também que eu não tinha vindo entre os tarahumaras por curiosidade, mas para reencontrar uma Verdade que escapa ao mundo da Europa e que a Raça dele havia conservado. – Isso abriu sua confiança e ele me disse coisas maravilhosas sobre o Bem e sobre o Mal, sobre a Verdade e sobre a Vida.

– Tudo o que digo vem de *Ciguri*, ele me disse, e foi Ele quem me ensinou.

“As coisas não são como nós as vemos e como sentimo-las na maior parte do tempo, mas tais como *Ciguri* nos ensina. Elas foram tomadas pelo Mal, pelo Espírito Maligno há tempos, e sem *Ciguri* não é possível para o homem reencontrar a Verdade. – No começo elas eram verdadeiras, mas quanto mais nós envelhecemos mais elas se tornam falsas, porque o Mal se apossa delas cada vez mais. O mundo no começo era completamente real, ele soava no coração humano, e com ele. Agora o coração já não se encontra nele, e nem a alma porque dele Deus se retirou. Ver as coisas era ver o Infinito. Agora quando vejo a luz tenho dificuldade em pensar em Deus. – No entanto foi Ele, *Ciguri*, que tudo fez. Mas o Mal está em todas as coisas, e eu, homem, não posso mais me sentir puro. – Há em mim algo terrível que sobe e que não vem de mim, mas da escuridão que eu tenho em mim, onde a alma do homem não sabe onde começa o *Eu*, nem onde termina, nem o que o fez começar tal como ele se vê. E é isso que *Ciguri* me conta. Com Ele eu não conheço mais a mentira e não confundo mais *aquilo que quer* realmente em todo homem com aquilo que não quer, mas macaqueia o ser do mal querer. E logo é

tudo o que restará, disse ele, dando vários passos para trás: essa máscara obscena de quem dá risadinhas entre o esperma e o cocô.”

Essas palavras do Sacerdote que acabo de relatar são absolutamente autênticas; elas me pareceram deveras importantes e belas para que eu me permitisse mudar o que quer que fosse, e se não se trata de suas palavras absolutamente exatas, não estão longe destas, pois entendam que elas me surpreenderam e que minhas lembranças neste ponto são extremamente precisas. – Inclusive, repito, ele acabara de tomar Peyotl e sua lucidez não me impressionou.

Quando essa conversa terminou ele me perguntou se eu ficaria feliz em provar Ciguri e em me aproximar da Verdade que procurava.

Eu lhe disse que era esse o meu desejo mais caro e que eu não acreditava que sem a ajuda do Peyotl pudéssemos alcançar tudo aquilo que escapa e de que o tempo e as coisas nos afastam cada vez mais.

Ele derramou em minha mão esquerda uma quantidade de Peyotl do tamanho de uma amêndoa verde, “o suficiente, disse, para voltar a ver Deus duas ou três vezes, pois não se pode nunca conhecer a Deus. Para entrar em sua presença é necessário se colocar pelo menos três vezes sob a influência de Ciguri, mas cada dose não deve ultrapassar o volume de uma ervilha.”

Eu fiquei então um ou dois dias a mais entre os Tarahumaras a fim de conhecer melhor o Peyotl e seria necessário um grande volume para relatar tudo o que eu vi e senti sob sua influência e tudo o que o Sacerdote, seus servos e suas famílias me disseram a seu respeito. – Mas uma visão que eu tive e que me afetou foi declarada *autêntica* pelo Sacerdote e por sua família, ela envolvia, ao que parece, aquele que deve ser *Ciguri* e que é Deus. – Mas não podemos atingi-lo sem sermos lacerados e sem termos atravessado uma angústia, e após isso nos sentimos como que revirados e *rederramados* do outro lado das

coisas e não entendemos mais o mundo que acabamos de deixar.

Digo: *rederramados* do outro lado das coisas, e como se uma força terrível nos tivesse permitido ser *restituídos* ao que existe do outro lado. – Já não sentimos mais o corpo que acabamos de deixar e que nos dava segurança graças aos seus limites, mas nos sentimos muito mais felizes por pertencer ao ilimitado do que a nós mesmos porque compreendemos que o que era si mesmo veio da cabeça desse ilimitado, o Infinito, e que vamos vê-lo. Nos sentimos como uma onda gasosa e que emite por toda parte um crepitar incessante. Coisas vindas como que do nosso baço, do nosso fígado, do nosso coração ou dos nossos pulmões são emitidas incansavelmente e explodem nessa atmosfera que hesita entre o gás e a água, mas que parece atirar em si as coisas e ordenar que se reúnam.

O que saía do meu baço ou do meu fígado tinha a forma das letras de um alfabeto misterioso e muito antigo mastigado por uma boca enorme, mas terrivelmente reprimida, orgulhosa, *ilegível*, zelosa de sua invisibilidade; e esses signos eram varridos para todos os lados no espaço enquanto me pareceu que eu subia, mas não sozinho. Ajudado por uma força insólita. Mas muito mais livre do que quando eu estava só sobre a terra.

Chegou uma hora em que algo como um vento soprou e os espaços recuaram. Do lado onde estava meu baço um vazio imenso se abriu e se pintou de cinza e de rosa como a beira do mar. E no fundo desse vazio apareceu a forma de uma raiz encalhada, uma espécie de J que teria em sua cima três galhos sobre os quais se encontrava um E triste e brilhante como um olho². – Chamas saltaram da orelha esquerda de J e passando por trás dele pareceram empurrar todas as coisas para a direita, do lado onde estava meu fígado, mas bem além dele. – Eu não vi mais nada e tudo se esvaneceu ou fui eu que me esvaneci ao voltar à realidade ordinária. De qualquer forma, eu havia visto, ao que parece,

o próprio Espírito de Ciguri. E acredito que a visão correspondia objetivamente a uma representação transcendental *pintada* das últimas e mais elevadas realidades; e os Místicos devem passar por estados e imagens semelhantes antes de atingir segundo a fórmula as incandescências e os rasgos supremos, após os quais eles se prostram sob o beijo de Deus sem dúvida como putas nos braços de seu cafetão.

Isso me inspirou quanto à ação psíquica do Peyotl um certo número de reflexões³.

O Peyotl devolve o eu às suas nascentes verdadeiras. – Após tal estado de visão nós não podemos mais como antes confundir a mentira com a verdade. – Vimos de onde viemos e quem somos, e não duvidamos mais do que somos. – Não há mais emoção nem influência externa que possa nos desviar desse caminho.

E toda a série de fantasias lúbricas projetadas pelo inconsciente já não podem reprimir o sopro verdadeiro do HOMEM, porque o Peyotl é O HOMEM não enquanto ele nasceu, mas enquanto ele é *inato*, e porque com ele a consciência atávica e pessoal está alertada e fundamentada. – Ela sabe o que é bom para si e o que para ela não vale nada: e assim conhece os pensamentos e os sentimentos que pode acolher sem perigo e *com proveito*, e aqueles que são nefastos para o exercício de sua liberdade. – Ela sabe sobretudo até onde vai seu ser, e até onde *ele ainda não foi* OU NÃO TEM O DIREITO DE IR SEM AFUNDAR NA IRREALIDADE, NO ILUSÓRIO, NO NÃO-FEITO, NO NÃO-PREPARADO.

O Peyotl nunca vai deixar que nos percamos, tomando sonhos por realidades. Tampouco confundindo percepções emprestadas às profundezas fugidias, incultas, ainda imaturas, ainda não erguidas do inconsciente alucinatório com imagens, emoções da verdade. – Porque na consciência se encontra o *Maravilhoso* com o qual podemos ultrapassar as coisas. E o Peyotl nos diz onde ele está e a partir de que concreções insólitas de um sopro atavicamente

reprimido e *obturado* o Fantástico pode se formar e renovar na consciência suas fosforescências, seu polvilhamento. E esse Fantástico é de qualidade nobre, sua desordem não passa de aparência, ele obedece na realidade a uma ordem que se elabora em mistério, e numa dimensão que a consciência normal não alcança, mas que *Ciguri* nos permite alcançar, e que é o próprio mistério de toda poesia. – Mas há no ser humano uma outra dimensão, esta obscura, informe, na qual a consciência não entrou, mas que a envolve como um prolongamento inesclarecido⁴ ou uma ameaça, dependendo dos casos. E da qual também emanam sensações aventurosas, percepções. São fantasias descaradas que afetam a consciência doente. Que por sua vez se abandona a essas fantasias e, se não encontrar nada que possa retê-la, se funde toda nelas. E o Peyotl é a única barreira que o Mal encontra nessa terrível dimensão.

Eu também tive sensações, percepções falsas e acreditei nelas. Durante os meses de junho, julho, agosto e até setembro passado eu acreditava estar rodeado de demônios, e me parecia que eu podia percebê-los, vê-los se formar à minha volta. – Não encontrei nada melhor para espantá-los do que fazer a cada instante sinais da cruz em todos os pontos do meu corpo ou do espaço nos quais eu pensava vê-los. Eu também escrevia conjurações em pedaços de papel quaisquer ou nos livros que tinha entre as mãos, que não valiam nada nem do ponto de vista literário nem do ponto de vista mágico porque coisas escritas nesse estado não são nada mais além do resíduo, da deformação ou melhor da *falsificação* das elevadas luzes da *VIDA*. No final de setembro passado essas más ideias, essas ideias falsas, essas percepções obcecantes e inválidas por si só começaram a desaparecer, em outubro já não restava mais quase nada. Desde o dia 15 ou 20 de novembro passado eu senti voltar em mim minha energia e minha clareza. Principalmente, senti minha consciência finalmente livre. Sem

mais sensações errôneas. Sem mais percepções ruins. – Agora a cada dia que passa um sentimento de segurança, de certeza interna se estabelece, lenta, mas seguramente, dentro de mim.

Se aconteceu nestes últimos tempos que eu adquiri gestos que se parecem com os de alguns doentes de *mania religiosa*, esses gestos já não são outra coisa além do resíduo dos hábitos lamentáveis que eu havia adquirido diante de crenças que não existiam. Assim como ao se retirar o mar deixa na areia um depósito composto que os ventos vêm varrer. – Venho mobilizando há várias semanas toda a minha força de vontade para me livrar desses pequenos restos. – E constato que dia após dia eles estão desaparecendo.

Ora, há uma coisa que os sacerdotes do Peyotl no México me ajudaram a perceber e que o pouco de Peyotl que eu tomei abriu em minha consciência. É que é no fígado humano que acontece a alquimia secreta e o trabalho pelo qual o eu de todo indivíduo escolhe aquilo que lhe convém, adotando-o ou rejeitando-o entre as sensações, as emoções, os desejos, que o inconsciente forma nele e que compõem seus apetites, suas concepções, suas crenças verdadeiras, e suas *ideias*. – É nele que o EU se torna consciente, e que seu poder de apreciação, de discriminação orgânica extrema se desdobra. – Porque é nele que *Ciguri* trabalha separando o que existe do que não existe. O fígado parece então ser o filtro orgânico do *Inconsciente*.

Encontrei ideias metafísicas similares nas obras dos velhos Chineses. E segundo eles o fígado é o filtro do inconsciente, mas o baço é o respondente físico do infinito. Isso inclusive é uma outra questão.

Mas para que o fígado possa exercer sua função é necessário pelo menos que o corpo esteja bem alimentado.

Não podemos criticar um homem aprisionado há seis anos num asilo de alienados e que há três anos não sacia sua fome por sofrer um

declínio *oculto* de sua Vontade. Já me aconteceu de ficar meses sem comer um pedaço de açúcar ou de chocolate. Quanto à manteiga, já não sei há quanto tempo eu não tive esse prazer.

Eu nunca me levanto da mesa sem uma impressão de fome porque as porções, vocês sabem, são pequenas demais.

E o pão principalmente é insuficiente. Antes do pedaço de chocolate que me foi dado anteontem, sexta-feira, eu não havia comido chocolate há oito meses. Eu não sou homem de se deixar desviar dos seus deveres por motivo algum, mas pelo menos não me acusem de falta de energia numa época como esta na qual os elementos indispensáveis à renovação da nossa energia não existem mais no alimento que nos é dado a todos. E sobretudo não me façam mais passar por eletrochoques por causa de insuficiências das quais sabemos muito bem que elas não estão fora do controle da minha vontade, da minha lucidez, da minha inteligência própria. Chega, chega e chega desse traumatismo punitivo.

Cada aplicação de eletrochoque me mergulhou num terror que a cada vez durava várias horas. E eu não via chegar a hora de cada nova aplicação sem desespero, porque eu sabia que mais uma vez eu ficaria inconsciente e que me veria sufocando durante um dia inteiro em meio a mim mesmo sem conseguir me reconhecer, sabendo perfeitamente que eu estava em algum lugar, mas só o diabo sabe onde e como se eu estivesse *morto*.

Tudo isso mostra como estamos longe da cura pelo Peyotl. O Peyotl pelo que eu vi *fixa* a consciência e impede que ela se perca, que ela se abandone às falsas impressões. Os Sacerdotes mexicanos me mostraram, no fígado, o ponto exato onde *Ciguri*, onde o Peyotl produz essa concreção sintética que mantém duravelmente na consciência o sentimento e o desejo do verdadeiro e que lhe dá a força de se entregar a ele rejeitando automaticamente o resto.

“É como o esqueleto da frente que volta, me disseram os tarahumaras, do RITO SOMBRIO, A NOITE QUE ANDA SOBRE A NOITE.”

POST-SCRIPTUM

O Rito do Peyotl foi escrito em Rodez no primeiro ano da minha chegada neste asilo, após sete anos de internamento dos quais três de isolamento, com envenenamentos sistemáticos e diários. Ele representa meu primeiro esforço para penetrar em mim mesmo após sete anos de afastamento e de castração de tudo. É um recém-envenenado, sequestrado e traumatizado, que conta lembranças de antes de sua morte. É dizer que o texto ainda não podia deixar de ser balbuciante. Digo ainda que esse texto foi escrito no estado mental estúpido do convertido que os feitiços da padralhada se aproveitando de sua fraqueza momentânea mantinham em um estado de servidão.

Ivry-sur-Seine, 10 de março de 1947.

Eu escrevi o Rito do Peyotl num estado de conversão, e com já cento e cinquenta ou duzentas hóstias recentes no corpo,

daí o meu delírio cá e lá a respeito do cristo, e da cruz de Jesus-cristo.

Porque nada me parece agora mais fúnebre e mortalmente nefasto do que o sinal estratificador e limitado da cruz,

nada mais eroticamente pornográfico do que o cristo, ignóbil concretização sexual de todos os falsos enigmas

psíquicos, de todos os refugos corporais repassados à inteligência como desprovidos de significado no mundo além de servir de matéria a rébus⁵, e cujas mais baixas manobras de masturbação mágica expelem alvarás de soltura elétricos.

Paris, 23 de março de 1947.

¹ N. do T. Os Tarahumaras vivem principalmente na cadeia montanhosa de *Sierra Madre Occidental*, na região da *Barranca del Cobre*. É a essa cadeia que Artaud se refere aqui.

² N. do T. A combinação das letras J e E em francês dá “Je”, “Eu”, pronome pessoal da primeira pessoa do singular. Assim, Artaud se refere a esse “J” de sua visão como a uma pessoa (“saltaram da orelha esquerda de J”). Guardamos a letra J e a letra E para manter a imagem que Artaud tinha em mente.

³ Quero dizer que se elas voltam novamente e uma última vez a se impôr ao meu pensamento, o Peyotl, ELE, não se adequa a essas fétidas assimilações espirituais, porque a MÍSTICA nunca passou de uma copulação muito sábia e refinada digna de Tartufo contra a qual o PEYOTL inteiro protesta, porque com ele O HOMEM está só, e raspando desesperadamente a música de seu esqueleto, sem pai, mãe, família, amor, deus ou sociedade. E sem seres para acompanhá-lo. E o esqueleto não é de ossos mas de pele, como se uma derme andasse. E o homem anda do equinócio ao solstício, concluindo por si só sua própria humanidade.

⁴ N. do T. No francês, a palavra “*inéclairci*” é uma invenção de Artaud. Seguimos o seu exemplo em português, criando uma palavra com a ajuda do prefixo “in-” e do adjetivo “esclarecido”.

⁵ N. do T. Em francês, as palavras que traduzimos como “rébus” (*rébus*) e “refugos” (*rebut*) são quase homófonas. Perdemos o sentido dessa brincadeira no português.

DE UMA VIAGEM AO PAÍS DOS TARAHUMARAS

A MONTANHA DOS SIGNOS

A terra dos tarahumaras é cheia de signos, de formas, de efígies naturais que não parecem ter nascido por acaso, como se os deuses, que aqui sentimos por toda parte, quisessem significar seus poderes nessas estranhas assinaturas em que a figura do homem é perseguida.

Decerto, não faltam lugares na terra onde a Natureza, movida por uma espécie de capricho inteligente, tenha esculpido formas humanas. Mas aqui o caso é outro: porque é em toda *a extensão geográfica de uma raça* que a Natureza *quis falar*.

E o mais estranho é que aqueles que por lá passam, como que marcados por uma paralisia inconsciente, fecham seus sentidos a fim de ignorar tudo isso. Que a Natureza, por estranho capricho, de repente faça aparecer o corpo de um homem torturado numa rocha, de início talvez achemos que isso não passa de um capricho e que esse capricho não significa nada. Mas quando, após dias e dias de cavalgada, o mesmo feitiço inteligente se repete, e *que a Natureza obstinadamente manifesta a mesma ideia*; quando ressurgem as mesmas formas patéticas; quando as cabeças de deuses conhecidos aparecem nas pedras, e que emana da terra um tema de morte cujo preço é o homem que paga obstinadamente, – e à forma esquartejada do homem respondem outras que *se tornaram menos sombrias*, mais límpidas, desprovidas de matéria petrificante, formas dos deuses que desde sempre o torturaram; – quando todo um território sobre as pedras desenvolve uma filosofia paralela à dos homens; quando sabemos que os primeiros homens usaram uma linguagem de signos, e que reencontramos essa língua aumentada nas rochas; então decerto não podemos mais pensar que se trata de um capricho, e que esse

capricho não significa nada.

Se de fato a maior parte da raça tarahumara é nativa, e se, como pretendem, eles caíram do céu direto na Sierra, podemos dizer que eles chegaram numa *Natureza já preparada*. E essa Natureza quis pensar como um homem. Assim como ela *evoluiu* homens, ela também *evoluiu* rochas.

Esse homem nu sendo torturado, eu o vi pregado a uma rocha e formas trabalhavam sobre ele, formas que eram volatilizadas pelo sol; mas por algum milagre ótico o homem por trás continuava inteiro, ainda que estivesse sob a mesma luz.

Não sei dizer o que, na montanha ou em mim mesmo, havia sido amaldiçoado, mas eu vi milagres óticos análogos se manifestarem pelo menos uma vez ao dia, durante minha jornada pela montanha.

Talvez eu tenha nascido com um corpo atormentado, fraudulento assim como a montanha imensa; mas um corpo cujas obsessões servem para algo: e percebi na montanha que é útil, isso de ser *obcecado por contar*. Não há uma sombra que eu não tenha contado, quando eu sentia que planava sobre alguma coisa; e frequentemente eu cheguei a estranhas moradas contando sombras.

Eu vi na montanha um homem nu curvado sobre uma grande janela. Sua cabeça não passava de um grande buraco, uma espécie de cavidade circular na qual apareciam o sol ou a lua, um por vez e de acordo com as horas. Seu braço direito estava estendido como uma barra e o esquerdo também como uma barra, mas mergulhada em sombras e curvada.

Podíamos contar suas costelas, sete de cada lado. No lugar do umbigo brilhava um triângulo radiante, feito de quê? Eu não saberia dizer. Era como se a Natureza tivesse escolhido aquela parte da montanha para revelar seus sílices resguardados.

Ora, ainda que seu rosto estivesse vazio, os cortes na rocha à sua

volta lhe impunham uma expressão precisa, que a luz matizava de hora em hora.

Seu braço direito estirado e destacado por um feixe de luz não apontava em uma direção qualquer... E eu procurei por aquilo que ele anunciava!

Ainda não era meio-dia quando tive essa visão; eu estava a cavalo e avançava rápido. E, no entanto, pude perceber que eu não estava diante de formas esculpidas, e sim de um jogo determinado de luzes, que *se agregava* ao relevo das rochas.

Essa imagem era conhecida dos índios; e por sua composição, sua estrutura, me pareceu que ela obedecia ao mesmo princípio ao qual toda essa montanha segmentada obedecia. Na direção indicada pelo braço, havia um vilarejo com uma cintura de rochas à sua volta.

E vi que cada rocha tinha a forma de um peito de mulher com dois seios perfeitamente desenhados.

Eu vi a mesma rocha repetida oito vezes e que formava no chão duas sombras; eu vi duas vezes a mesma cabeça de animal carregando sua efígie na boca e devorando-a; eu vi, dominando o vilarejo, uma espécie de enorme dente fálico com três pedras em seu cume e quatro buracos em sua face externa; e vi, desde o princípio, todas essas formas se tornarem pouco a pouco reais.

Me pareceu ler por toda parte a história de um parto em meio à guerra, uma história de gênese e de caos, com todos aqueles corpos de deuses talhados como homens, e aquelas estátuas humanas despedaçadas. Nenhuma forma que estivesse intacta, nenhum corpo que não aparecesse como que emergindo de um massacre recente, nenhum grupo em que eu não tenha sido obrigado a ler a luta que o dividia.

Encontrei homens afogados, quase absorvidos pela pedra e, em outras rochas mais acima, outros homens que se empenhavam em

repeli-los. Alhures, uma estátua da Morte, enorme, segurava na mão uma pequena criança.

Há na Kabbalah uma música dos Números, e essa música, que reduz o caos material aos seus princípios, explica, através de uma espécie de matemática grandiosa, como a natureza se ordena e dirige o nascimento das formas, que ela tira do caos. E tudo o que eu via me parecia obedecer a um número. As estátuas, as formas, as sombras davam sempre um número 3, 4, 7, 8 que voltava a aparecer. Os bustos de mulheres segmentadas eram 8; o dente fálico, como já disse, tinha três pedras e quatro buracos; as formas volatilizadas eram 12, etc. Repito, que me digam que essas formas são naturais, tudo bem; mas é a sua repetição que não é natural. E o que é ainda menos natural, é que as formas de sua terra, os tarahumaras as repetem em seus ritos e em suas danças. E essas danças não nasceram por acaso, mas obedecem à mesma matemática secreta, à mesma preocupação com o jogo sutil dos Números ao qual a Sierra inteira obedece.

Ora, essa Sierra habitada e que sopra um pensamento metafísico nas rochas, os tarahumaras a preencheram com signos, signos perfeitamente conscientes, inteligentes e concertados.

A cada curva no caminho vemos árvores queimadas *voluntariamente* em forma de cruz, ou em forma de seres, e frequentemente esses seres são duplos e estão um de frente para o outro, como que para manifestar a *dualidade* essencial das coisas; e essa dualidade, eu a vi reduzida a seu princípio num signo em forma de ☉ preso num círculo, que eu vi marcado com ferro vermelho num grande pinheiro; outras árvores carregavam lanças, trevos, folhas de acanto cercadas de cruces; aqui e ali, entre encostas, em corredores sufocados pelas rochas, linhas de cruces ansatas egípcias evoluíam em teorias; e as portas das casas tarahumaras apresentavam o signo do mundo dos maias: dois triângulos opostos cujas pontas são ligadas por

uma barra; e essa barra, é a Árvore de Vida que passa pelo centro da Realidade.

Assim, caminhando pela montanha, as lanças, as cruzes, os trevos, os círculos folhudos, as cruzes compostas, os triângulos, os seres que se enfrentam e que se opõem para salientar sua guerra eterna, sua divisão, sua dualidade, despertam em mim lembranças estranhas. Lembro de repente de que houve Seitas na História que inscreviam nas rochas esses mesmos signos, cujos homens usavam esses signos, esculpido na jade, forjados no ferro ou cinzelados. E me pego a pensar que esse simbolismo dissimula uma Ciência. E me parece estranho que o povo primitivo dos tarahumaras, cujos ritos e cujo pensamento são mais antigos que o Dilúvio, possa ter possuído essa ciência bem antes que a Lenda do Graal aparecesse, bem antes que fosse formada a Seita da Rosa-Cruz.

A DANÇA DO PEYOTL

A possessão física continuava ali. Aquele cataclismo que era meu corpo... Após vinte e oito dias de espera, eu ainda não havia entrado em mim; – teríamos que dizer: *saído* em mim. Em mim, nessa montagem dispersa, esse pedaço de geologia estragada.

Inerte, como a terra e suas rochas podem ser; – e todas aquelas fendas que percorrem níveis sedimentares empilhados. Decerto eu era friável, não por partes, mas sim inteiramente. Desde o meu primeiro contato com essa terrível montanha que com certeza ergueu barreiras contra mim para me impedir de entrar. E, desde que lá estive, o sobrenatural não me parece mais extraordinário o suficiente para me impedir de dizer que eu fui, no sentido literal da palavra: *enfeitiçado*.

Dar um passo não era mais para mim dar um passo; mas sentir *aonde* eu levava minha cabeça. Vocês entendem isso? Membros que obedecem um após o outro, e que fazemos avançar um após o outro; e a posição acima da terra, vertical, que temos que manter. Porque a cabeça, transbordante de ondas e que já não domina seus redemoinhos, a cabeça sente todos os redemoinhos da terra abaixo que a enlouquecem e que impedem-na de ficar reta.

Vinte e oito dias dessa possessão insustentável, desse monte de órgãos mal reunidos que era eu, e aos quais eu tinha a impressão de assistir, como uma imensa paisagem de gelo prestes a se dissociar.

Ali estava então a possessão, tão terrível que para ir da casa do índio a uma árvore que se encontrava a alguns passos, eu precisava de mais do que coragem, eu precisava recorrer às reservas de uma força de vontade realmente *desesperada*. Porque ter vindo tão longe, me encontrar finalmente no limiar de um encontro e desse lugar do qual

eu esperava tantas revelações, e me sentir assim tão perdido, tão deserto, tão descorado. Havia eu um dia conhecido a alegria, havia existido no mundo uma sensação que não fosse de angústia ou de imperdoável desespero; havia eu um dia estado em outro estado além deste de dor rachada que me perseguia todas as noites. Existia outra coisa que me fosse reservada e que não estivesse no limiar da agonia, e podíamos encontrar pelo menos um corpo, um único corpo humano que escapasse da minha crucificação perpétua.

Eu certamente precisava de força de vontade para acreditar que algo aconteceria. E tudo isso, por quê? Por uma dança, por um rito de índios perdidos que nem sabem mais quem são nem de onde vêm e que, quando os interrogamos, nos respondem por meio de contos cujo laço e cujo segredo eles perderam.

Depois desse cansaço tão cruel, repito, que eu não posso mais acreditar que eu não tenha sido realmente enfeitiçado, que essas barreiras de desagregação e de cataclismos que eu havia sentido subir em mim não tenham sido o resultado de uma premeditação inteligente e concertada, eu havia atingido um dos últimos lugares do mundo onde a dança de cura pelo Peyotl ainda existe, ou pelo menos aquele em que ela foi inventada. O que, então? Que falso pressentimento, que intuição ilusória e fabricada permitiu que eu esperasse dessa dança uma libertação qualquer para meu corpo e também, sobretudo, uma iluminação em toda a amplitude de minha paisagem interna, que, eu sentia naquele minuto preciso, se encontrava fora de qualquer tipo de dimensão.

Vinte e oito dias desde que esse suplício inexplicável havia começado. E, há doze dias, eu me encontrava naquele pedaço de terra isolado, no anteparo daquela imensa montanha, esperando a boa vontade dos meus feiticeiros.

Por que é que a cada vez que eu sentia, como naquele instante, que

atingia uma fase capital da minha existência, eu não a atingia com o meu ser inteiro? Por que essa terrível sensação de perda, de oportunidade perdida, de acontecimento abortado. Eu vou decerto ver os feiticeiros executando seu rito; mas em que esse rito me seria proveitoso? Eu vou vê-los. Vou receber uma recompensa por essa longa paciência que nada até agora havia abalado. Nada: nem a terrível estrada, nem a viagem com um corpo inteligente, mas discordante, e que tem que ser arrastado, que teria quase que ser executado para impedi-lo de se revoltar; nem a natureza com suas tempestades bruscas que nos envolvem com suas redes de trovões; nem a longa noite percorrida por espasmos, durante a qual eu havia visto em sonhos um jovem índio coçar com uma espécie de frenesi hostil exatamente os mesmos pontos do seu corpo nos quais os espasmos atravessavam o meu, – e ele dizia, ele que me conhecia há apenas uma noite: “Ah, que todo o mal que possa atingi-lo o atinja”.

O Peyotl, eu sabia, não é feito para os Brancos. Era necessário me impedir custe o que custar de ter acesso a uma cura por meio desse rito instituído para agir sobre a própria natureza dos espíritos. E um Branco, para esses homens Vermelhos, é aquele que os espíritos abandonaram. Se eu beneficiasse desse rito, perderiam os homens Vermelhos, com seu revestimento espiritual inteligente.

Os espíritos perderiam. Tantos espíritos que não seriam mais usados.

E havia também a questão do *Tesguino*, o álcool que precisa de oito dias de maceração dentro de jarras; – e não há tantas jarras assim, não há tantos braços disponíveis para moer milho.

Uma vez tomado o álcool, os feiticeiros do Peyotl se tornam inúteis e é necessária uma nova preparação. Ora, um homem daquelas tribos havia morrido quando eu cheguei à aldeia, e era importante que o rito, os sacerdotes, o álcool, as cruces, os espelhos, os raladores, as jarras, e

toda a parafernália extraordinária da dança do Peyotl fosse orientada a seu proveito, para ele que estava morto. Porque estando morto, seu duplo não podia esperar que houvésemos despedaçado os maus espíritos.

E após vinte e oito dias de espera, eu ainda tive que aguentar, durante toda uma longa semana inteira, uma palhaçada inverossímil. Houve em toda a montanha uma troca vã de emissários que deviam ter sido enviados aos feiticeiros. Mas quando os emissários partiam, os feiticeiros apareciam em pessoa, surpresos de que nada havia sido preparado. E eu descobri que havia sido enganado.

Eles me trouxeram sacerdotes que curam pelo sonho, e que falam após ter sonhado.

– “Os do *Ciguri* (dança do Peyotl) não são bons, diziam eles. Eles não *servem*. Tome esses.” E me empurravam velhos que se quebravam de repente em dois e produziam estranhos sons com os amuletos que tinham sob seus casacos. E eu vi que eram ilusionistas, e não feiticeiros. E aprendi inclusive que esses falsos sacerdotes eram amigos íntimos do morto.

Um dia essa agitação se acalmou, sem gritos, sem debates, sem novas promessas da minha parte. Como se tudo aquilo não tivesse passado de um rito e que o jogo tivesse durado tempo o suficiente.

Decerto eu não tinha vindo até as profundezas da montanha desses índios tarahumaras em busca de lembranças de pinturas. Eu já tinha sofrido o suficiente, creio eu, para que me recompensassem com um pouco de realidade.

E, no entanto, ao cair do dia, uma visão se impôs aos meus olhos.

Estava diante de mim a Natividade de Hieronymus Bosch, na ordem e orientação certas, com o antigo toldo, de pranchas tortas, em frente ao estábulo, com os fogos do Menino Rei brilhando, à esquerda, em meio aos animais, às fazendas esparsas, aos pastores; e, no

primeiro plano, outros animais berrando; e à direita, os dançarinos-reis. Os reis, com suas coroas de espelho sobre a cabeça e seu manto púrpuro retangular nas costas, à minha direita no quadro, assim como os reis magos de Hieronymus Bosch. E, de repente, quando eu me virei, duvidando de que veria chegar os meus feiticeiros, eu os vi descendo a montanha, apoiados em grandes cajados, e suas mulheres com grandes cestas, e os servos armados de cruzes, avulsas como feixes ou árvores, e os espelhos que brilhavam como pedaços de céu em meio a toda aquela parafernália de cruzes, de piques, de pás, de troncos de árvore sem galhos. E eles estavam todos curvados sob o peso daquela parafernália tão insólita, e as mulheres dos feiticeiros também se apoiavam como seus homens em grandes cajados que eram maiores que elas de uma cabeça.

As fogueiras se erguiam por toda parte em direção ao céu. Embaixo, as danças já haviam começado; e diante dessa beleza finalmente realizada, dessa beleza de imaginações radiantes, como vozes num subterrâneo iluminado, eu senti que meu esforço não havia sido em vão.

Lá em cima, nas vertentes da enorme montanha que desciam por etapas até a aldeia, um círculo de terra havia sido desenhado. As mulheres, de joelhos em frente a seus *metates* (recipiente de pedra), já trituravam o Peyotl com uma espécie de brutalidade escrupulosa. Os sacerdotes começaram a pisar a terra do círculo. Eles o fizeram cuidadosamente e em todos os sentidos; e acenderam no centro do círculo uma fogueira que o vento de cima aspirou em redemoinhos.

Durante o dia, dois cabritos haviam sido sacrificados. E agora eu via em um dos troncos sem galhos, talhado em forma de cruz, os pulmões e o coração dos bichos que tremiam ao vento noturno.

Um outro tronco sem galhos se encontrava vizinho ao primeiro, e o fogo aceso no meio do círculo era espelhado por ele a cada instante,

como um incêndio visto através de lentes muito grossas e sobrepostas. Eu me aproximei para distinguir a natureza daquele ponto focal e percebi uma incrível sucessão de sinos, uns de prata, outros de chifre, amarrados com tiras de couro, e que, eles também, esperavam sua vez de officiar.

Foram fixadas dez cruzes do lado onde o sol nasce, de grandezas desiguais, mas todas dispostas em uma ordem simétrica; e amarraram a cada cruz um espelho.

Vinte e oito dias daquela espera terrível após uma extinção perigosa resultavam agora em um círculo povoado por Seres, representados aqui por dez cruzes.

Dez, o Número dez, como os Mestres Invisíveis do Peyotl, na Sierra.

E entre esses dez: o Macho-Princípio da Natureza, que os índios chamam de *San Ignacio*, e sua fêmea *San Nicolas*!

Em volta desse círculo, uma zona moralmente deserta na qual nenhum índio se aventuraria: conta-se que, dentro desse círculo, os pássaros, que por lá se perdem, caem, e que as mulheres grávidas sentem seu embrião se decompor.

Há uma história do mundo no círculo dessa dança, espremida entre dois sóis, aquele que desce e aquele que sobe. E é quando o sol desce que os feiticeiros entram no círculo, e que o dançarino dos seiscentos sinos (trezentos de chifre e trezentos de prata) grita como o coiote, na floresta.

O dançarino entra e sai, e, no entanto, ele nunca deixa o círculo. Ele penetra deliberadamente o mal. Nele mergulha com uma espécie de coragem atormentada, num ritmo que, por trás da Dança, parece esboçar a Doença. E pensamos vê-lo alternadamente emergir e desaparecer num movimento que evoca não sei que obscuras tantalizações. Ele entra e sai: “*sair de dia, no primeiro capítulo*”, como diz o Duplo do Homem no *Livro dos Mortos Egípcio*. Porque essa

imersão na doença é uma viagem, *descer para VOLTAR A SAIR À LUZ DO DIA*. – Ele gira em círculos no sentido das asas da Suástica, da direita para a esquerda sempre, e por cima.

Ele pula com seu exército de sinos, como uma aglomeração de abelhas enlouquecidas, aglutinadas umas às outras, soltas, num caos crepitante e tempestuoso.

Dez cruces no círculo e dez espelhos. Uma viga, com três feiticeiros em cima. Quatro sacerdotes (dois Machos e duas Fêmeas). O dançarino epilético, e eu mesmo, para quem o rito estava sendo realizado.

Aos pés de cada feiticeiro, *um* buraco no fundo do qual o Macho e a Fêmea da Natureza, representados pelas raízes hermafroditas do Peyotl (sabemos que o Peyotl tem a forma de um sexo masculino e feminino misturados), dormem na Matéria, ou seja, no Concreto.

E o buraco, coberto por um recipiente de madeira ou de argila virado para baixo, figurando o Globo do Mundo. Acima do recipiente os feiticeiros ralam a mistura ou a fragmentação dos dois princípios, e eles os ralam no Abstrato, ou seja, no Princípio. Enquanto embaixo, os dois Princípios, encarnados, descansam na Matéria, ou seja, no Concreto.

E é durante a noite toda que os feiticeiros restabelecem as conexões perdidas, com gestos triangulares que cortam estranhamente as perspectivas do ar.

Entre os *dois* sóis, *doze* tempos e *doze* fases. E a caminhada circular de tudo o que se agita em volta da fogueira, dentro das fronteiras sagradas do círculo: o dançarino, os raladores, os feiticeiros.

Entre cada fase, os feiticeiros insistem em demonstrar fisicamente o rito, a eficiência da operação. Hieráticos, rituais, sacerdotais, cá estão eles, alinhados em sua viga, acalentando seus raladores como se acalenta uma criança. De que ideia de etiqueta perdida provém o

sentido dessas inclinações, desse curvar-se, dessa caminhada em círculos na qual contam seus passos, acenam diante do fogo, saúdam-se mutualmente e saem.

Então eles se levantam, curvam-se como eu já disse, uns como homens de muletas, outros como autômatos entroncados. Entram no círculo. E vejam que, uma vez que passaram pelo círculo, a apenas um metro dele, esses sacerdotes, que caminham entre dois sóis, voltaram de repente a ser homens, ou seja, organismos de abjeção e que têm que ser lavados, que esse rito é concebido para lavar. Eles se comportam como cavadores de poço, esses sacerdotes, como trabalhadores da escuridão, criados para mijar e para se soltar. Mijam, peidam e se soltam com berros terríveis; e então pensamos, ao ouvi-los, que quiseram competir com o próprio trovão, reduzi-lo à *sua necessidade* de abjeção.

Dos três feiticeiros que estavam presentes, dois, os dois menores e mais curtos, tinham adquirido há três anos o direito de manusear o ralador (porque o direito de manusear o ralador é adquirido, e é inclusive nesse direito que repousa toda a nobreza da casta dos feiticeiros do Peyotl, entre os índios tarahumaras); e o terceiro há dez anos. E era o mais velho do rito, devo dizer, que mijava melhor e que peidava com mais ardência e força.

E o mesmo, orgulhoso dessa espécie de purgação grosseira, começou alguns instantes depois a cuspir. Ele cuspiu após ter bebido o Peyotl como todos nós. Porque uma vez terminadas as doze fases da dança, e como a aurora já ia surgir, nos deram Peyotl triturado, parecido com uma espécie de melaço lamacento; e diante de cada um de nós um buraco foi novamente cavado para receber o cuspe de nossas bocas, que havia se tornado sagrado graças ao Peyotl.

“Cuspa, me disse o dançarino, mas o mais fundo na terra que puder, porque nunca mais nenhuma parcela de *Ciguri* deve emergir.”